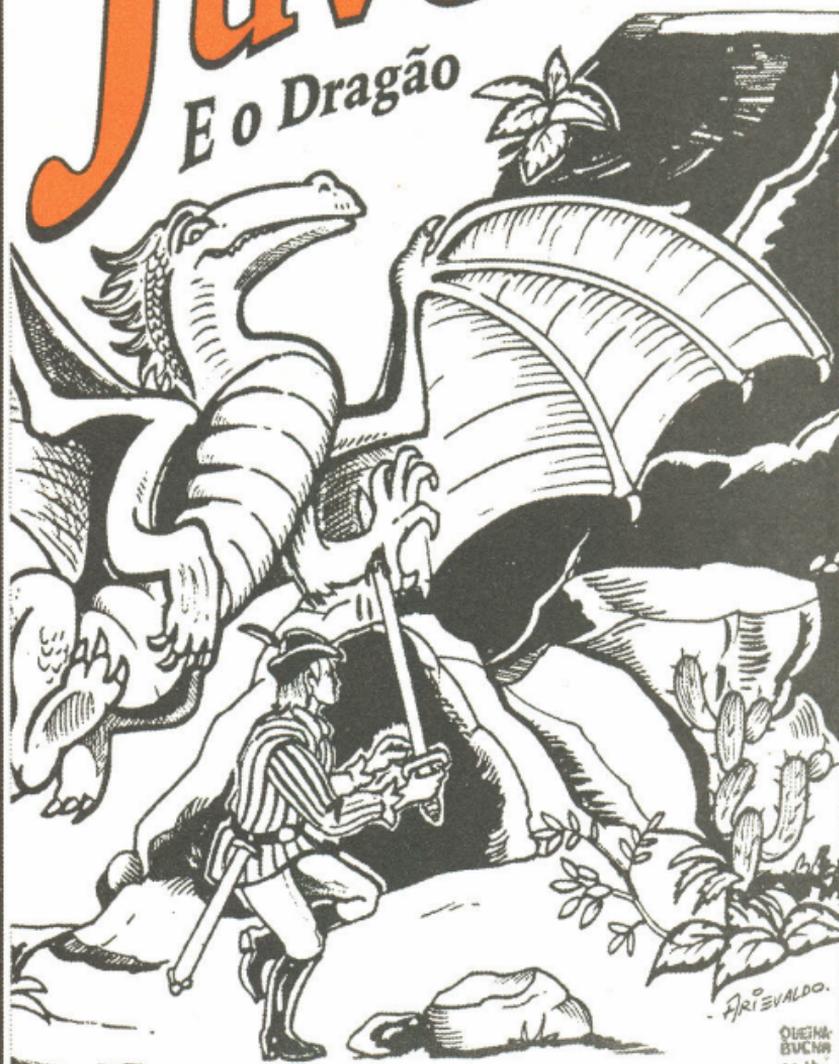


Leandro Gomes de Barros

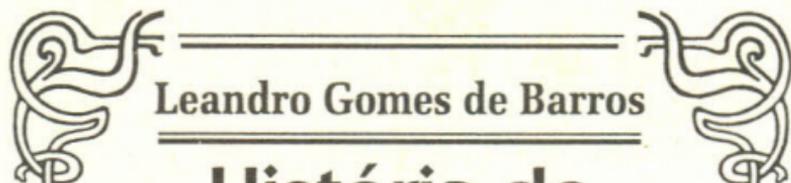
Juvenal

E o Dragão



Literatura de Cordel

QUEIM-
BUCINA



Leandro Gomes de Barros



História de JUVENAL E O DRAGÃO

Quem ler essa história toda
Do jeito que foi passada
Verá que o falso vil
Nunca nos serviu de nada
A honra e a fidelidade
São sempre recompensadas.

Morava um camponês
Num subúrbio dum ducado
Já fazia sete anos
Que ele tinha enviuvado
Só ficou com dois filhinhos
No que mais tinha cuidado.

O velho adoeceu muito
Conhecendo que morria,
Um casebre e três carneiros
Só era o que possuía
Deu de herança a seus filhos
E morreu no outro dia.

Ficaram ambos sozinhos
Uma moça e um rapaz
Disse ela a seu irmão:
- A partilha você faz,
Fique lá com os carneiros
Que no valor são iguais.

Ficou ela na choupana
Cumprindo a sorte fatal
O seu nome era Sofia
E o dele era Juvenal
Que pensava em aventuras
Atrás do bem e do mal.

Juvenal disse à irmã:
- Eu não posso ter demora,
Vá viver com seu padrinho
Que amanhã vou embora,
Junto com meus três carneiros
Por este mundão afora.

Quando foi no outro dia
Limpou dos carneiros a lã
Muniu-se do necessário
E despediu-se da irmã
Seguiu com seus três carneiros
Às 6 horas da manhã.

Quando bateu meio-dia
Ele estava descansando
Na sombra de um arvoredor
Os três carneiros pastando
Viou que um sujeito estranho
Perto dele ia chegando.

Aquele sujeito estranho
Tinha saído bem cedo
Caçando com três cachorros
No penhasco d'um rochedo
Foi descansar nesse dia
Naquele mesmo arvoredado.

Chegando no arvoredado
Foi dizendo: - Oh! Meu rapaz,
São seus aqueles carneiros
Que eu vejo ali por trás?
Quer trocar por meus cachorros
Veja o negócio que faz.

Juvenal lhe respondeu:
Nós não podemos trocar
Os meus carneiros no mato
Procuram se alimentar
Ao passo que seus cachorros
São preciso eu sustentar.

Lhe disse o desconhecido:
Nenhum dos três é ruim
Na hora que estou com fome
Basta só dizer assim:
Rompe-Ferro, mão à obra;
Traz pra ele e para mim.

Cada um desses cachorros
É um grande defensor
Se acaba, morre lutando,
Em defesa do senhor
São chamados: Rompe-Ferro,
Ventania e Provador.

Juvenal pensou um pouco
De ficar sem os cordeiros
Mas lembrou-se que os cães
São amigos verdadeiros
Lhe disse: - Está feita a troca
Pode levar os carneiros.

Dizia o rapaz consigo:
- Na troca não fiz vantagem,
Andar com estes três cães
Precisa muita coragem;
Às duas horas da tarde
Seguiu a sua viagem.

Mais tarde bateu-lhe a fome
Não tinha onde comprar,
Fez como o sujeito disse
No momento de trocar:
- Rompe-Ferro, mão à obra;
O cachorro foi buscar.

Toda ordem que ele dava
O cachorro obedecia
Mandou ele às cinco horas
Antes de findar o dia
Trouxe-lhe uma linda cesta
Cheia de comedoria.

Juvenal pegou a cesta,
Quando acabou de jantar
Deu ele aos cães dizendo:
- Comam até se fartar,
Eu com três amigos destes
Não temo de viajar.

E quando os cães acabaram
Davam pulos de alegria,
Um corria atrás do outro
Em tresloucada alegria
Fazendo festa ao moço
Que satisfeito sorria.

Juvenal seguiu viagem
Cada vez mais animado,
Naquela zona esquisita
Com seus cachorros de lado
Foi dormir no outro dia
Nas terras d'outro reinado.

Já fazia um mês e tanto
Que ele andava de viagem
No pé duma grande serra
Avistou uma carruagem
Até para dois cavalos
Era difícil a passagem.

Ele vendo a carruagem
Foi logo se aproximando
Viu dentro uma linda moça
Vinha de longe chorando,
O cocheiro muito triste
Suspirava vez em quando.

Juvenal viu a princesa
Em prantos, sem se calar,
Dirigiu-se ao cocheiro:
- Desculpe eu lhe perguntar,
Que vem ver essa princesa
Nas brenhas desse lugar?

Quase sem poder falar
O cocheiro respondeu:
- A princesa vem chorando,
E o culpado não sou eu,
Dê licença, eu vou contar,
O caso como se deu...

Daqui a 50 léguas
Existe um grande reinado
Que passou mais de cem anos
Sendo o povo devorado
Por um monstro horrendo e feio
Misterioso, encantado.

É impossível contar
A força que a fera tinha,
Não respeitava princesa,
Duque, nem rei, nem rainha.
Devora toda a polícia
O exército e a marinha.

O povo todo alarmado,
Morrendo sem remissão,
Pra toda parte que ia
Não achava proteção,
O rei não tinha recursos
Para remir a nação.

O rei já muito nervoso
Só esperava morrer
Um dia, estando dormindo,
Ouviu uma voz dizer:
- Vou lhe propor um negócio;
Responda se quer fazer...

Eu sou a tirana fera
Que venho me despedir
Pretendo dar-lhe um descanso
E deixar de o perseguir,
Se o senhor prometer
Fazer o que eu vou pedir.

Se acaso aceita o negócio,
Desde já, fique avisado,
Pra me mandar todo ano;
Num lugar determinado
Uma das moças bonitas
Que tiver no seu reinado.

Eu só faço este negócio
Pra cessar a mortandade,
Se o senhor não cumprir
E usar de falsidade
Eu venho de lá da furna
Devorar toda a cidade.

Diante dessa ameaça
O rei ficou sem ação,
Como é que enfrentaria
Tão grave situação?
O jeito era dar apoio
À proposta do dragão.

Então o rei sujeitou-se
A todo ano mandar
Uma das moças bonitas
Que tivesse no lugar
Daqui ela vai pra furna
Para a fera a devorar.

É este o motivo justo
Da nossa grande tristeza
Pra aqui já tenho trazido
Muitas filhas da pobreza
Mas hoje tocou de sorte
A essa infeliz princesa.

Juvenal ficou imóvel
Ouvindo essa narração,
E perguntou ao cocheiro:
Onde habita esse dragão?
Numa fuma dessa serra...
e apontou com a mão.

Juvenal disse ao cocheiro
Vou fazer uma loucura,
Ando percorrendo a terra
Em busca de aventura
Não vou deixar essa fera
Comer esta criatura.

Não digo por pabulagem
Nunca temi inimigo,
Eu junto com meus três cães
Só Deus poderá comigo,
Enfrento um cento de feras
Não digo que vi perigo!

Disse o cocheiro à princesa:
Acho bom se apelar,
Todas que vêm para aqui
Vão a ele se entregar,
Se vossa alteza não for
O monstro vem lhe buscar.

Ela aí desceu do carro
Transpassada de tristeza,
Juvenal com muita pena
Dessa morte sem defesa
Chamou os seus três cachorros
E acompanhou a princesa.

O cocheiro como estava
Quase morto de pavor
Gritou para Juvenal:
Aonde vai meu senhor?
Volte daí não prossiga
Que o monstro é devorador.

Juvenal nem deu ouvidos
Ao que ele estava dizendo
Porém de repente ouviu
A montanha estremecendo
Conheceu no mesmo instante
Que a fera vinha descendo.

Ia a princesa na frente
Juvenal mais atrasado!
Quando a fera viu a moça
Deu um urro agigantado
Até os três cães ficaram
Com o cabelo arrepiado.

Aí a fera avançou
Para agarrar a princesa
Juvenal tomou a frente
Porém não mostrou fraqueza
Depois gritou: - "Rompe-Ferro"
Preciso de tua defesa.

Quando "Rompe-Ferro" ouviu
O jeito do seu senhor
Que tinha enfrentado a fera
Sem ter medo nem pavor
Partiu pra cima do monstro
Como um raio abrasador.

O moço era destemido
Com seu cachorro valente
Eles dois incorporados
Lutando com a serpente
Juvenal no ferro frio
E o cão fiel pelo dente.

Era um monstro sem feitio
De um corpo descomunal
Todo coberto de escamas
Mais duro do que metal
Tudo era mole na ponta
De ferro de Juvenal.

Vendo a moça aquele embrulho
Pender para o fundo da gruta
Dando cada rabanada
Com uma força absoluta
Vendo a hora que o rapaz
Também morria na luta.

Ajoelhou-se por terra
Implorando ao Criador:
" - Valei-me Pai Poderoso
Livrai-me deste terror
Salvai também esse moço
Do Dragão devorador".

"Também prometo Senhor
Meu pranto não é fingido
Se nessa luta sangrenta
O jovem não for vencido
Quando voltar ao meu reino
Farei dele meu marido".

E lá no fundo da gruta
A luta era tenebrosa
A serpente dava urros
E rabanadas raivosas
Fazendo tremer a terra
Naquela gruta rochosa.

Esse monstro possuía
No grande corpo um lugar
Debaixo de asa esquerda
Que quem pudesse acertar
Com um pequeno ferimento
Era capaz de matar.

"Rompe-Ferro" experiente
Nesse lugar farejou
Debaixo da asa esquerda
De repente mergulhou
No lugar mais perigoso
O cachorro abocanhou.

Viu-se logo a diferença
Quando o cachorro mordeu
O monstro deu um esturro
Que toda serra gemeu
Na segunda abocanhada
A serpente esmoreceu.

Assim que Juvenal viu
A fera desanimar
Sentou-se p'ra outro lado
Dizendo vou descansar
E deu ordem a "Rompe-Ferro"
Para acabar de matar.

Disse o rapaz, para que
Não duvidem dessa história
Que briguei com esse monstro
E na luta alcancei vitória
Tiro dois dentes da fera
Para servir de memória.

Quando a moça se viu livre
Daquele horrendo animal
Foi ajoelhar-se chorando
Diante de Juvenal
Pedindo pra acompanhá-la
Até à corte imperial.

Exijo que vá comigo
Pra meu pai lhe conhecer
Esse moço destemido
Que me salvou de morrer
Mesmo pra recompensá-lo
Da forma que merecer.

Terás lá no meu reinado
Teu nome reconhecido
Por todos da minha corte
Serás muito recebido
O mundo terá ciência
Do teu valor merecido.

Tu salvaste minha vida
Enfrentando esse Dragão
Como também te arriscando
Salvaste minha nação
Portanto aqui te entrego
Alma, vida e coração.

Disse ele: Nada quero,
Do benefício que fiz
Desejo que vossa alteza
Siga em paz, seja feliz,
Vou vê-la de hoje a três anos
Na capital do país!

O cocheiro que pensava
Ao moço a fera matar,
Ele que estava de longe
Ouvindo a serra zoar
Quase morria de medo
Nem se moveu do lugar.

Juvenal muito vexado
Não podia ter demora
Disse à princesa: Desculpe,
Eu não ir com a senhora,
Botou-a na carruagem
Despediu-se e foi embora.

A imagem do rapaz
Gravou-se divinamente
Ante os olhos da princesa
Tão linda, casta, inocente,
E uma paixão sublime
Germinou rapidamente.

Juvenal nunca pensou
Que a sua protegida
Fosse cair novamente
Nas mãos da fera homicida;
Que o tal cocheiro imundo
Quisesse tirar-lhe a vida.

O cocheiro seguiu com ela
Adiante lhe perguntou:
- Vossa alteza pagou bem
Aquele que lhe salvou?
Disse ela: - Eu fui pagar,
Mas ele não aceitou...

Com olhos de traidor
Lhe respondeu o cocheiro:
Aquele que lhe salvou
É um grande aventureiro,
Anda vagando no mundo
Não precisa de dinheiro.

Se vossa alteza quisesse
Com muita facilidade
Pode fazer num momento
A minha felicidade,
Dizer que matei a fera
Que devorava a cidade.

A senhora nada perde
Me fazendo esse favor,
Pois aquele aventureiro
É bruto, não tem valor,
Vossa alteza perde tempo
Se for dedicar-lhe amor.

Disse a princesa ao cocheiro:
Eu jamais serei fingida,
Não vou contar uma história
Que não foi acontecida
Tornando-me facinorosa
Para quem salvou-me a vida.

Nem permito que um Judas
Covarde, vil, descabido,
Insulte dessa maneira
Um moço tão destemido,
Se não fosse Deus e ele
Sei que teria morrido.

Iam passando uma ponte
Quando ele disse assim:
O fulano não precisa,
Arranje isso pra mim,
Se a senhora não fizer
Aqui mesmo dou-lhe fim.

Lhe atiro de ponte abaixo
O diabo tem de a levar,
Quando eu chegar na corte
Se alguém me perguntar
Eu digo: - A fera comeu-a
Ninguém vem mais procurar.

Aquela infeliz princesa
Conhecendo que morria
Jurou perante o cocheiro
Fazer como ele queria
E aquele grande segredo
Por ela ninguém sabia.

Eu juro perante a Deus
Que negarei a verdade,
Quando chegar lá na corte
Farei a vossa vontade
Digo que matou a fera
Que devorava a cidade.

O cocheiro olhou pra ela
Riu-se de satisfação;
Agora sim, princesinha,
Sou um grande cidadão,
Serei perante o monarca
O grande herói da nação.

Quando chegaram na corte
A cidade estremeceu,
Dizia o povo em delírio:
A princesa não morreu,
O cocheiro trouxe ela
A fera não a comeu!

Quando o rei viu a princesa
Quase morre de alegria
E contaram a história
Como o cocheiro queria
O rei muito interessado
Toda história dele ouvia.

Disse o cocheiro: Monarca
Dê-me licença narrar;
Quando chegamos na fuma
Que fiz o carro parar
Eu disse para a princesa
Acho bom se apear.

Ela aí desceu do carro
Traspassada de tristeza
Eu fiquei com muita pena
Dessa morte sem defesa
Saquei pelo meu punhal
E acompanhei a princesa.

A princesa como estava
Quase morta de pavor,
Me disse: - Deixe-me só,
Volte à corte, por favor,
Volte daqui, não prossiga,
O monstro é devorador!

Eu aí não dei ouvidos
Ao que ela estava dizendo,
Porém de repente vi
A montanha estremecendo
Conheci no mesmo instante
Que a fera vinha descendo.

Ia a princesa na frente
Eu ia mais atrasado,
Quando a fera viu a moça
Deu um urro agigantado
Confesso que até fiquei
De cabelo arrepiado.

Mas uma coisa dizia:
Não deixe a moça morrer!
Se salvares a princesa
Muito feliz hás de ser,
Portanto enfrente o perigo
Repare o que vai fazer.

Aí a fera avançou
Para agarrar a princesa
Ligeiro tomei a frente
Porém não mostrei fraqueza
Nunca pensei, majestade,
Possuir tanta destreza.

Era um monstro sem feitio
De corpo descomunal
Todo coberto de escamas
Mais duras do que metal
Porém tudo ficou mole
Na ponta do meu punhal.

Vibrei-lhe uma punhalada
Chega seu couro rangeu,
A fera deu um esturro
Que a terra toda tremeu
Na segunda punhalada
A serpente estremeceu.

Eu acabei de matar
Como quem não faz vantagem,
Botei a linda princesa
Sem forças, na carruagem,
Deixei a fera estendida
Voltei então da viagem.

O povo todo deu crença
No que o cocheiro dizia,
O rei disse: És um herói,
Mostraste ter valentia
Vou promover-te a fidalgo
Da alta aristocracia!

Apertou ele nos braços
Cheio de contentamento
Dizendo: Minha filha vive,
Pelo teu merecimento
Como não posso pagar-te
Dou-te ela em casamento.

A princesa quando ouviu
Falar em tal casamento
Mudou de cor de repente
Quase dá-lhe um passamento
Oh! Meu Deus, dizia ela,
Pra que fiz tal juramento?

E correndo pro seu quarto
Fazendo grande alarido
Exclamava: Meu bom pai
Oh! Quanto tenho sofrido!
Mandai, Juvenal, meu Deus,
Coitado, ele foi traído!

Pelo ódio e ambição
De um imundo cocheiro
Vou perder o meu amigo
O meu herói verdadeiro
Dá-lhe um aviso, meu pai,
Deste plano traiçoeiro!

Ah! Se eu pudesse agora
Contar tudo à majestade
Dizer que esse cocheiro
Não quer falar a verdade
Mas devido à minha jura
Perdi a felicidade.

Leitor, deixemos aqui
Fechada em seu aposento
A bela e meiga princesa
Lamentando o seu tormento
E vamos ver Juvenal
Onde está nesse momento.

Depois de salvar a jovem
O belo moço saiu
Em busca de aventuras
A viagem prosseguiu
Junto com seus três cachorros
Em outro reino dormiu.

Naquela noite sonhou
Que estava em um reinado
Era uma linda manhã
O castelo engalanado
De rosas e lindas flores
Era o solo atapetado.

Um perfume inebriável
Recendia pelo espaço
Belas damas sorridentes
Tinha ele em cada braço
Vestindo finas fazendas
Sorrindo sem embaraço.

Num lindo trono de ouro
Se via a linda princesa
Trajando lindo vestido
De fulgurante beleza
Trajando véu e capela
Deslumbrante na riqueza.

Nisso chega um magistrado
Um bispo e um escrivão
Disseram aí pra ele:
- Se apresse, cidadão,
Pra receber da princesa
Sua linda e santa mão.

Nesse ínterim chega um homem
De semblante aborrecido
Que disse: - Parem com isso,
Este homem é um bandido,
Quer desfrutar uma glória
Sem a ter adquirido!

Juvenal mesmo em sonho
Fez uso do seu punhal
Seu inimigo também
Puxou da cinta outro igual
Travou-se uma luta horrenda
Sangrenta, cruel, brutal.

No fim da luta ele viu
As flores todas pisadas
As damas por sobre o solo
Sem sentidos, desmaiadas,
Ele preso na parede
Sobre as lanças e espadas.

Seu inimigo sorrindo
De braços com a princesa
O povo lhe dando vivas
Ele preso sem defesa
Nisso o rapaz acordou-se
Assustado, com certeza.

Juvenal ficou pensando
Nesse sonho aborrecido,
E disse consigo mesmo:
O que terá acontecido?
A princesa que salvei
Talvez tenha me traído.

Mas depois disse consigo:
Não posso temer traição
Sei mesmo que a princesa
Me ama de coração
Saberei toda a verdade
Ao regressar à nação.

- E se algum atrevido
Um covarde ou traidor
Tiver forçado a princesa
A recusar meu amor
Nesse dia fico louco
Bebo o sangue do impostor.

Confiado na princesa
No punhal e no Divino
Juvenal seguiu viagem
Sempre como peregrino
Com os cachorros dum lado
Projetando o seu destino.

E assim passou um ano
E Juvenal prosseguia
Sua vida aventureira
Pensando em voltar um dia
Pois ele disse à princesa
Com três anos voltaria.

Vamos deixá-lo um instante
E voltemos ao reinado,
Onde o cocheiro covarde
Viu seu plano coroadado
Era agora herói do rei
Só faltava ser casado.

A princesa em casamento
Não queria ouvir falar
O rei marcou para um ano
Dali se realizar
No tempo ela adoeceu
Somente pra não casar.

Foi uma doença séria
Acompanhada de dor
Mas tudo isso arranjado
Por conhecido doutor
Bem pago pela princesa
Filha do imperador.

O cocheiro aperreado
Sempre junto a majestade
Pedia para apressar
Esse laço de amizade,
Temendo que com mais dias
Se descobrisse a verdade.

O comentário na rua
Era bem descontraído
Um dizia que o cocheiro
De fato tinha lutado
Com a fera desumana
Que devorava o reinado.

Outro, porém, respondia,
Que era combinação;
O rei não queria dar
A filha para o dragão
E mais tarde quem pagava
Eram os filhos da nação.

Paremos aqui, leitor,
Deixemos isto pra frente
Vamos saber como passa
A princesinha doente
Seu pai estava ficando
Severo e muito exigente.

E se passaram dois anos
Com mais um fazia três
Disse o rei a sua filha:
- Hás de casar desta vez,
Eu garanti ao teu noivo
De não passar deste mês!

A moça mais uma vez
Lembrou-se de Juvenal
Exclamou: - Tudo acabou-se
Minha sina foi fatal
Vou casar-me com um monstro
Traidor como o chacal!

Faltavam apenas dois dias
Para o grande casamento
O castelo em reboição
Era grande o movimento
Enfeites, bolos, comidas,
Tudo estava em andamento.

Na véspera do casamento
Viu-se entrar um viajante
Levando mais três cachorros
Dum tamanho extravagante
Era Juvenal que vinha
Em busca de sua amante.

Juvenal ouviu dizer
Por uma felicidade:
Casa hoje um grande herói
Com a filha da majestade,
Porque matou o dragão
Que devorava a cidade.

Juvenal cego de raiva
Na mesma hora rompeu:
Esse homem é mentiroso
Sem ver o monstro correu
O dragão de quem se fala
Quem matou ele fui eu!

Os praças ouvindo-o falar
Daquele nobre senhor
Disseram logo: Está preso
Infame conspirador,
Maltratando em praça pública
O genro do imperador!

Juvenal pulou pra trás
Bateu palmas ao seu cão
Partiu pra eles dizendo:
Sou filho de outra nação
Ainda vindo um exército
Eu não me entrego a prisão.

Aí travou-se uma luta
Os cães entraram no meio
Em menos de uma hora
O estandarte era feio
Que o rei lá do palácio
Só ouvia o tiroteio.

Foram dar parte ao rei
Da grande calamidade
Dizendo: Aí tem um moço
Que hoje entrou na cidade
Tem morto tanto soldado
Que é uma barbaridade.

Ele conduz três cachorros
São três panteras iguais
O homem briga por dez
Pula mais que satanás
Da sua espada sai fogo
Iguais chamas infernais.

O noivo com a notícia
Doeu-lhe no pensamento
Disse o rei aos convidados:
Demorem aí um momento,
Esperem minha chegada
Pra fazer o casamento.

Com a chegada do rei
O povo todo acalmou
Juvenal com os três cães
Um arranhão não levou
Chegando perto do rei
Por esta forma falou:

Sua alteza vá sabendo
Nunca fui homem malvado
Pretendo contar-lhe tudo
Da forma que foi passado
Mas quero que minha história
Seja ouvida no reinado.

Dali mesmo o rei levou
Juvenal para o salão
Pra contar de qual maneira
Principiou a questão
Quando o moço entrou na sala
Tudo mudou de feição.

A moça ao ver seu amado
Chorou de tanta alegria
Por saber que todo plano
Agora se descobria
E finalmente, depois,
Com ele se casaria.

Mas quando o cocheiro viu
Aquele recém-chegado
Conheceu logo os cachorros
Ficou da cor de um finado
E disse consigo mesmo
Agora estou desgraçado!

Disse Juvenal ao rei:
Me disseram sem maldade:
"Hoje casa um grande herói
Com a filha da majestade
Porque matou o dragão
Que devorava a cidade."

Eu fiquei cego de raiva
Porque isso não se deu,
E disse: - Ele é mentiroso,
Sem ver o monstro, correu,
O dragão de que se fala
Quem matou ele fui eu!

Aí os soldados todos
Me deram voz de prisão
Eu gritei por meus cachorros
E fiquei de prontidão
Por esse grande motivo
Principiou a questão.

Lutei pelo meu direito
Como qualquer um lutava,
Me acabaria lutando
Porém não me entregava
O céu virava fumaça
E a terra se desmanchava.

Estou contando a história
Que a condição me obrigou
A fera de que se fala
Sei que fui eu quem matou
A princesa é testemunha
De tudo que se passou.

O rei chamou a princesa
Pra contar o que sabia
Ela prontamente veio
Cheia de grande alegria
Desabafar essa mágoa
Que há três anos sofria.

Ela aí continuou
Para todo mundo ver:
Meu pai está perguntando
Porque deseja saber,
Sim, senhor, foi este homem
Que me salvou de morrer.

Quando eu fiquei lá no bosque
Onde o cocheiro deixou
Que ia subindo a serra
Este homem acompanhou
Foi lutar com o dragão
Eu vi quando ele o matou.

Quando ele matou o monstro
Nessa mesma ocasião
Arrancou dois grandes dentes
Julgando ter precisão
Se não perdeu ainda tem
Os dois dentes do dragão.

Depois o moço levou-me
Botou-me na carruagem
Muito decente e modesto
Como quem não fez vantagem
Ali apertou-me a mão
E seguiu sua viagem.

Agora, o cocheiro, sim,
Fez verdadeira traição
Ele pensava, papai,
Que não teria punição,
Mas vou contar a miúdo
Toda essa narração.

O cocheiro saiu comigo
Adiante me perguntou:
Vossa alteza pagou bem
Àquele que lhe salvou?
Eu lhe disse: - Fui pagar,
Mas ele não aceitou...

Disse ele: - Sendo assim
Me dê vossa proteção
Dizendo em casa a seu pai
Que eu matei o dragão,
Todo mundo lhe dá crédito
E ninguém dirá que não.

Então eu disse pra ele:
- Nunca fui desconhecida,
Não vou contar uma história
Que não foi acontecida
Usando de falsidade
Com quem me salvou a vida.

Nem permito que um Judas
Covarde, vil, descabido,
Insulte dessa maneira
Um homem tão destemido
Que não sendo Deus e ele
Eu já teria morrido.

Íamos passando na ponte
Quando ele me disse assim:
- Abra seus olhos, princesa,
Arranje isso pra mim
Se a senhora se negar
Aqui mesmo dou-lhe fim.

Lhe atiro de ponte abaixo
O diabo tem de a levar
Quando eu chegar na corte
Se alguém me perguntar
Eu digo: - A fera comeu-a
E ninguém vai procurar.

Eu me achava sozinha
Conhecendo que morria
Jurei perante o cocheiro
Fazer como ele queria
Jurando mais, que o segredo,
Por mim não se descobria.

Foi assim, meu bom papai,
Que pude me defender
De ser lançada na ponte
Já decidida a morrer,
Mas Deus protegeu-nos, pai,
Fez a verdade vencer.

Aí descobriu-se tudo
O rei ficou se mordendo
E disse para o cocheiro:
Você vai morrer sabendo:
Mandou por quatro carrascos
Tirar-lhe o couro, ele vendo.

Casou-se a linda princesa
Com o valente Juvenal
Repercutiu a notícia
Pelo mundo universal
Rolou festa quinze dias
No palácio imperial.

Juvenal no outro dia
Às seis horas da manhã
Mandou um grande cortejo
Buscar sua linda irmã
Aquela menina esbelta
Das faces cor de romã.

Os cães vendo a menina
Ficaram de prontidão
E disseram a Juvenal:
Está finda nossa missão,
Queríamos ver se a riqueza
Mudava o teu coração.

Os cães eram encantados
Não podiam ter demora,
Se viraram em três pássaros
Alvos da cor da aurora
Disseram: - Adeus, Juvenal!...
Voaram e foram embora.

FIM



Literatura de Cordel



Leandro Gomes de Barros



Homenagem da EDITORA QUEIMA-BUCHA
aos 140 anos de nascimento do poeta
LEANDRO GOMES DE BARROS, pioneiro da
Literatura de Cordel.

www.queimabucha.com



BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republicue este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br).